

A reforma gerencial de 1995 e a Nova Gestão Pública

Carta a Ana Paula Paes de Paula

Prezada Ana Paula Paes de Paula,

São Paulo, 11 de dezembro de 2010

Descobri recentemente e li hoje seu livro, *Por uma Nova Gestão Pública* (2005). Nele você faz uma análise muito competente de minhas ideias e da Reforma Gerencial do Estado de 1995, mas, dadas algumas ideias que desenvolvi nos anos 1990, dado o caráter neoliberal que afinal tomou o governo Fernando Henrique Cardoso (que, durante o governo, eu critiquei muitas vezes internamente), e dado o caráter neoliberal de uma boa parte da literatura sobre a Nova Gestão Pública que surgiu na Grã-Bretanha no início dos anos 1990, você naturalmente me identifica com o neoliberalismo, e, ao escrever, busca mostrar com insistência meu equívoco quando também insistentemente negava que fosse um neoliberal. Acho que você se equivocou neste ponto, mas não tanto quanto eu gostaria. Realmente, nos anos 1990, era difícil escapar à hegemonia neoliberal, e eu creio que em certos momentos resvalei. Você percebeu esse fato.

Entretanto, insisto, quanto ao seu equívoco. Meu objetivo fundamental ao propor (não estava na agenda de FHC) e levar adiante a Reforma Gerencial era fortalecer o Estado e tornar mais eficientes os seus serviços sociais e científicos de forma a legitimar o Estado Social. Por outro lado, em relação ao que escrevi nos anos 1990, tenho grande orgulho de ter sido provavelmente o primeiro analista que fez a crítica ao consenso de Washington (a crítica de Fiori só foi feita quatro anos depois). Fiz esta crítica em minha aula magna na Anpec, em dezembro de 1990, que foi em seguida publicada na revista *Pesquisa e*

Planejamento Econômico (1991) e, em seguida, publicada como primeiro artigo em *A Crise do Estado* (1992). Fiquei surpreso que em seu livro, na nota de rodapé 249, você afirma que nesse livro escrevi a frase: “a abordagem da crise fiscal concorda basicamente com as propostas do consenso de Washington”. Incrédulo que a tenha escrito, procurei no livro, e a encontrei na página 18 (você não identificou a página no seu texto). Entretanto é inaceitável uma citação desse tipo colocada fora do seu contexto. Eu havia acabado de fazer uma série de críticas fundamentais ao consenso de Washington, e, em seguida, afirmo: “com essas ressalvas, a abordagem da crise fiscal concorda com as propostas do consenso de Washington”. O que é neoliberal no consenso de Washington não é a lista de políticas econômicas e reformas listadas por John Williamson: é o quadro ideológico no qual essa lista foi escrita.

Você também nega o êxito da reforma. Vários anos depois, inclusive depois da exitosa experiência do Choque de Gestão no seu estado, talvez você tenha mudado de opinião. Eu continuo impressionado como as ideias associadas a essa reforma se tornaram dominantes no serviço público e entre os estudiosos da administração pública. Não é surpreendente, e o mérito não é meu. A Reforma Gerencial é a segunda reforma administrativa do Estado moderno: a primeira foi a Reforma Burocrática, que marcou a transição do patrimonialismo e do Estado Absoluto para o Estado Liberal, a segunda foi a Reforma Gerencial que marcou a transição do Estado Liberal para o Estado Social. Se isto é verdade, a reforma se torna inevitável na medida em que a democracia avança e que os trabalhadores exigem mais e melhores serviços sociais.

Quanto à alternativa que você propõe à Reforma Gerencial do Estado de 1995 – a administração pública societal – eu não creio que seja realmente uma alternativa de reorganizar o aparelho do Estado ou a administração pública. É um conjunto de ideias relativas à democracia participativa pelas quais tenho grande simpatia. Na minha reforma (que era focada no aparelho do Estado) essas ideias apareceram na inclusão do controle social como uma das três formas de

responsabilização dos administradores públicos. As outras duas são a administração por resultados, e a competição administrativa por excelência.

Escrevi este e-mail a você porque fiquei impressionado com a boa qualidade do seu trabalho, e porque você colocou entre suas fontes de inspiração intelectuais muito caros a mim: Guerreiro Ramos foi meu mestre quando eu era ainda muito jovem; Maurício Tragtenberg foi um grande amigo e companheiro de longas prosas; e Fernando Prestes Motta foi meu cunhado e co-autor.

Se vier a São Paulo um dia, avise-me que gostaria de convidá-la para um almoço e assim conhecê-la. Se me vir em algum evento relacionado com a ciência política e administração pública, se apresente.

Um abraço cordial, Bresser.